

## Lygia Clark e o discurso poético das proposições

José Fernando Amaral Stratico (UEL)

GT: Territórios e Fronteiras

Palavras-chave: Lygia Clark, proposições, performance

Esta comunicação apresenta, por meio da análise de discurso, um estudo crítico dos textos poéticos de Lygia Clark, cujo foco é a proposição, de modo a apontar para as narrativas sobre o corpo ali contidas. Tais narrativas dizem respeito ao ser mulher e à relação com o outro, de maneira a corporificar histórias sobre o universo corporal. No conjunto da obra de Clark, o discurso poético é evocado como jogo e narrativa imbuída de um poder restaurador.

As abordagens lingüísticas de Lygia Clark são compostas por veios temáticos de pensamento e exegese. A noção de *veio* nos remete a um fluxo contínuo, sem origem definida, cujo conteúdo flui sem autoria, e cujo movimento também não se estanca. Em relação às *proposições* - que é nosso foco para o momento - identificamos veios temáticos que se articulam como *referências/contexto*, *objetivos/propósitos*, *conexões*, *o outro*, *o ato*, *o espectador-autor*, *o verbo-propositivo*. Além destes veios temáticos, identificamos um veio poético que se mistura aos outros veios, de modo a formar um todo orgânico sem comparação na arte brasileira. Trata-se da construção poética de Clark que discutiremos a seguir.

O veio poético do discurso de Clark ocupa um lugar relevante. Está presente em suas cartas, nas entrevistas, bem como nos catálogos de exposições e artigos. Há que se notar que sua literatura poética nunca está sozinha. Os textos poéticos de Clark estão sempre inseridos em outros textos de cunho jornalístico ou crítico. É como se nenhuma das duas abordagens - poética e acadêmica - prescindisse uma da outra. A abordagem poética representa uma tentativa de comunicar ou de criar um outro espaço no próprio discurso. Este é o espaço de imagens e associações livres, que na maioria das vezes, não diz respeito diretamente a nenhum conceito estético ou proposição. São apenas imagens, que criam uma dimensão simbólica em torno das análises críticas que Clark faz a respeito de seu próprio trabalho.

Um bom exemplo desta articulação entre poesia e análise crítica está presente no catálogo da Fundação Antoni Tàpies, cujo texto “Da Supressão do Objeto (Anotações)” inicia-se com uma análise sobre a ligação entre arte e patologia, em que Clark apresenta alguns exemplos de trabalhos de artistas cujos corpos passam a ser a temática e obra. Clark defende, no início de seu texto, a perda da autoria, o que, argumenta a artista, aconteceria em *Caminhando*. Porém, o cunho acadêmico-crítico do texto logo cede lugar para uma fruição poética, que toma conta do discurso. As imagens poéticas remetem-nos a sonhos de Clark, alguns relatados, inclusive, em cartas a Oiticica. A passagem do discurso acadêmico para o poético é brusca e sem aviso.

Sinto profundamente a queda de valores de palavras que deixaram de ter significado como o “gênio” e a “obra”, o individualismo. Penso e vivo a morte. Sinto a multidão que cria em

cima do meu corpo, minha boca tem gosto de terra. Faço o meu mausoléu com caixas de fósforos...”(CLARK, 1975, p 2)

O que segue é uma sucessão de imagens oníricas que compõem o discurso até que, novamente, o texto se racionaliza e retoma o propósito da reflexão crítica sobre a perda da autoria e supressão do objeto artístico. A simbologia arquitetada por Clark parece tocar um sentido messiânico de seu papel como artista. Como o texto mencionado acima indica, Clark produz a imagem de um corpo entregue como sacrifício. A morte do(a) artista criaria uma perspectiva de salvação. Clark vislumbra nesta morte a re-descoberta da vida.

Clark exalta a possibilidade de re-encontro com a totalidade da vida (mundo), cujo processo desencadeia a tristeza e memória de si mesmo (nostalgia). A *nostalgia do corpo* diz respeito a esta triste memória e estado de melancolia de um corpo fragmentado que busca sentir-se um todo. O corpo nostálgico e atávico descrito por Clark é um corpo sem gênero, e se localiza nos antigos discursos sobre uma humanidade constituída por um homem genérico. Porém, em alguns momentos, o homem generalizante do discurso de Clark, cede espaço para um ser andrógino altamente sexuado:

A nostalgia do homem de ser coberto, unificado no grande corpo. Quantos sexos ele tem, acho que são vários e que ele copula consigo próprio. (CLARK, 1975, p 2)

Em outros momentos, é o corpo feminino da própria artista que ocupa o espaço no discurso, e é então que uma relação estreita se estabelece entre o corpo vivo geral do mundo, e o seu organismo erótico imediato – o espaço erótico da artista:

Sonho: Me vi nua, enorme, eu era a paisagem, o continente, o mundo. (CLARK, 1975, p 3)

Clark faz aqui uma referência ao “corpo do mundo” – social, fisiológico e erótico e ao seu próprio corpo entregue ao outro, em sacrifício e também como fonte de prazer. Esta conexão entre o corpo erótico e a entrega contida nos processos das *proposições* marca o veio poético de seus textos, e salienta, embora Clark não o faça claramente, o caráter de autodestruição, auto-anulação contido na elaboração e ato das proposições. A necessidade e força das construções poéticas de Clark, provavelmente indicam esta intenção de eliminar qualquer elemento intermediário no resgate do corpo e da vivência autêntica:

A percepção da arquitetura da idade média em que a mesma é ainda um corpo, abrigo poético, tendo o homem ainda necessidade de habitá-lo. (CLARK, 1975, p 3)

Aqui Clark enfatiza o valor do espaço nesta busca por uma autenticidade tanto da percepção como da relação com o mundo. Sua abordagem sobre o espaço remete-a ao espaço primeiro em que o feto se move. Este é o espaço anterior à própria significação, em que há apenas uma relação direta de unicidade com o

corpo da mãe. Clark, mais uma vez fala do corpo, e é o corpo que marca o seu entendimento de mundo. Os atos vivenciados nas proposições dizem respeito ao espaço interior da relação primeira entre o feto e a mãe.

Clark aponta para o processo doloroso de desligamento do corpo da mãe, e adentramento no espaço aberto e simbólico do meio social. Ao entrar no *vazio pleno* adentramos um mundo de transferências e representações, em que nos distanciamos da relação direta com o objeto ou mundo, para que a linguagem possa ser estabelecida. O espaço imanente é o espaço presente e autêntico que não apresenta uma relação distanciada com o meio. (CLARK, 1975, p 4)

A possibilidade de incursão pelo vazio de modo a preenchê-lo fica evidente em seu delírio que é descrito na seqüência do mesmo texto discutido acima:

Sonho: estou fazendo minhas experiências com os plásticos dentro do oceano. A água era o elemento que preenchia todo o vazio do espaço. Acordo e choro todo o oceano. O que me falta para complementar todo esse vazio. (CLARK, 1975, p 4)

A poesia e o relato onírico de Clark remetem-nos ao seu próprio corpo e espaço interior que se fragmentam e se anulam a cada instante. Clark parece justificar o potencial das *proposições* a partir da descrição deste espaço movediço e indefinível. Neste espaço, sua própria identidade está fragmentada. O papel da literatura poética de Clark é apresentar esta identidade e seus processos interiores, de modo a estabelecer uma conexão entre o mundo exterior das proposições e o espaço interior conflitante. O texto de Clark continua com o relato de uma experiência alucinatória tida na Espanha:

Do avião: o solo todo revolvido, a terra se move num processo contínuo como o começo do mundo. Sinto um calor que vem de dentro do corpo como se tivesse engolido um tijolo quente. Sinto-me grávida. Num táxi, em direção à praia, tenho a percepção de um sonho antigo: e vejo no cosmos, sentada na garupa de um diabo em cima de um pacote vermelho vendo a terra embaixo. (CLARK, 1975, p 4)

O corpo está num estado de horror e desintegração. As proposições são uma extensão deste estado quase insuportável para Clark. Nas propostas de ações individuais ou coletivas, o horror e a desintegração assumem, porém, um caráter positivo. A desintegração do corpo, realizada pelos muitos recursos com objetos, possibilita a decomposição ou desestruturação da percepção, mas com um sentido lúdico de prazer erótico. O caráter erótico das proposições, garante à obra de Clark uma distância do horror ou erotismo manifesto por vários outros artistas do mesmo período. Recusando-se a apresentar a patologia como obra, Clark articula a cura para o eu desintegrado e atônito. Assim, Clark reconhece em si mesma uma função catalisadora e ao mesmo tempo restauradora. Clark vê a si própria como recipiente de gestação de experiências restauradoras:

Me sinto como caldeirão da própria porra, processo, me sinto toda lá até antes do nascer e acho que é nesse misturar que ora aparece a menina, o leite na mamadeira, a adulta-adúltera, a louca, a velha de cinco mil anos de idade...” (FIGUEIREDO, 1998, p 207-208)

O trecho acima, escrito em Paris, em carta a Oiticica, evoca o *espaço semiótico*<sup>1</sup>, o qual diz respeito a um espaço anterior ao estabelecimento da significação. Clark tem consciência de que transita por esta região do vazio gerado pelo nascimento e conseqüente desligamento do corpo da mãe. Para restaurar o corpo ela precisa re-visitar esta região. O ato gerado pelas proposições altera a percepção do mundo para se deparar com a desestruturação do eu, de modo a restaurá-lo. Existe aí uma narrativa embutida, que apresenta o corpo como mecanizado e destituído de vida. O corpo massificado, o corpo objeto, situa-se no mesmo nível dos objetos de consumo. Trata-se de um resgate da humanidade perdida e de uma suposta relação autêntica com o próprio corpo e com o mundo exterior. O conceito de vida presente nos escritos de Clark segue esta noção de resgate, de quebra da relação mecanizada entre o eu, o corpo e o mundo exterior.

A tecitura dos veios temáticos de Clark indica a existência de narrativas mais amplas e longínquas. O ato, a proposição, o outro, o sexo, o espectador, a obra e demais temas do discurso de Clark possuem uma genealogia específica. Embora não possamos, no momento, identificar claramente esta genealogia, é possível concluir que estas são narrativas mais amplas e antigas, e que se ligam inevitavelmente ao corpo e sua conceituação. A busca de uma verdade contida no corpo e na relação com o outro é uma prática comum da *Body Art*, e é neste contexto que o discurso de Clark se situa. O corpo que a obra e o discurso de Clark apresentam possui uma história de “perda do ser”, uma história de distanciamento de uma verdade intrínseca, e de construção de auto-cortornos. Esta é uma história de um ser que perdeu sua identidade porque perdeu sua própria verdade simbólica (fantasmática); porque perdeu a relação direta com o corpo/ser do outro. Trata-se, assim de uma história sobre o corpo/ser que se articula como base para uma prática restauradora.

#### BIBLIOGRAFIA

AYALA, Walmir. ‘Corpo a Corpo.’ **Jornal do Brasil**. Rio: 17/11/71.

\_\_\_\_ ‘Lígia Clark: Proibido Estacionar Hoje.’ **Jornal do Brasil**. Rio: 03/02/68.

BRETT, Guy. ‘Lygia Clark: Seis Células’ **Lygia Clark**. (Trad. A. C. O Mundo de Lygia Clark). Barcelona: Catálogo Fundação Antoni Tàpies, 1998, p 7.

\_\_\_\_. ‘Arte de Vanguarda e Terceiro Mundo’. **Art and Criticism**. (Trad. A. C. o Mundo de Lygia Clark). Winchester: Out. 1979, p 3.

CLARK, Lygia. **Lygia Clark. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa**. Rio: FUNARTE, 1980.

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui o conceito de semiótico, como Julia Kristeva o define. (KRISTEVA, 1993)

- \_\_\_\_\_. “Da supressão do objeto (Anotações)”. Catálogo da Fundação Antoni Tàpie, trad. e aquivo da A. C. o Mundo de Lygia Clark. Navilouca. Rio de Janeiro, 1975.
- \_\_\_\_\_. ‘A Sensível Manifestação’. **Jornal do Brasil**. Rio: 10/11/71.
- \_\_\_\_\_. ‘Lygia Clark, uma Arte sem Consumo’. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 06/02/71.
- \_\_\_\_\_. ‘Lygia Clark e a Proposição da Imanência’. **Jornal do Brasil**. Rio: 06/01/68
- FIGUEIREDO, Luciano (ed). **Lygia Clark – Hélio Oiticica – Cartas – 1964-74**. Rio: Editora UFRJ, 1998.
- GULLAR, Ferreira. ‘Lygia Clark – Um Ser Novo no Universo da Arte’. **O Globo**. Rio: 01/04/88.
- \_\_\_\_\_. ‘Não-Objeto. Prêmio da Bienal. Lygia Clark.’ **Jornal do Brasil**. (Suplemento dominical). Rio: 17/09/61.
- \_\_\_\_\_. ‘Clark: Uma Experiência Radical’. **Jornal do Brasil**. (Suplemento Dominical) Rio: 22/03/59.
- JARDIM, Reynaldo. ‘Em Busca do Tempo. Lygia Clark Vira o Espaço pelo Averso.’ **Jornal do Brasil** (Suplemento dominical) Rio: 16/04/61.
- KRISTEVA, Julia. **Desire in Language - A Semiotic Approach to Literature and Art**. Oxford: Blackwell, 1993.
- MILLIET, Maria Alice. **Lygia Clark: Obra-Trajeto**. São Paulo: EDUSP, 1992.